

Entre o convento e a corte: algumas reflexões em torno da obra poética de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria

Isabel Morujão *

Foi sobretudo com o avançar do século XVI que as relações entre os conventos femininos e a corte começaram a ganhar uma certa relevância, no quadro de uma homogeneidade cultural, da qual, durante alguns séculos, e particularmente nas centúrias de XVII e XVIII, não se podem dissociar. Esta relação — mais acentuada, sem dúvida, nos meios urbanos do que nos meios rurais¹ — não foi, de modo algum, unilateral, mesmo apesar da vocação de interioridade e das exigências da vida de clausura, que nos poderiam induzir em contrário. No plano literário — que nos interessa especialmente — esse intercâmbio foi particularmente produtivo, como o confirma todo um acervo de textos literários (de maior ou menor mérito) que as antologias do século XVIII e já algumas do século XVII se apressaram a recolher.

A especificidade desta produção literária feminina conventual não se esgota na filiação a um estilo, a um género ou a uma corrente de devoção

* Universidade do Porto. Bolseira do INIC.

¹ Apesar de tudo, encontram-se nos meios rurais, ou talvez, melhor dizendo, não citadinos, alguns testemunhos fortes dessas relações, pelo menos estabelecidas individualmente (ver a «Carta do D.or Sucearello escrita a hua' freira de S. Bento do Porto em que lhe da nouas do exercito do Alentejo», fl. 103 v. do Mss. Livraria n.º 241 do A.N.T.T. ou o caso de D. Feliciano Maria de Milão, em cuja correspondência se verifica uma grande cultura literária). Nas cidades afastadas da corte, encontramos, por exemplo, no Porto, uma Madre Leocádia, que manteve regular correspondência com a Rainha D. Luísa Francisca e que também poetou, inserindo-se a sua produção, curiosamente, na caterva de escritos sebastianistas de cariz visionário, que na época pulularam.

ou piedade. Pelo contrário, os textos que o tempo deixou entrar na história — e talvez, se calhar, aqueles que a contingência das circunstâncias não permitiu que assim acontecesse — atestam uma inegável variedade, dentro da qual se inscreve também o filão tão explorado nos séculos XVII e XVIII da poesia laudatória e de circunstância. Não é de estranhar, por isso, que uma significativa parte do corpus poético conhecido de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria se inscreva nesta tradição. Mas interroga-nos o facto de que apenas uma certa parcela da sua actividade literária evidencie marcas específicas de uma enunciação conventual.

O percurso histórico dos conventos femininos portugueses, bem à semelhança do que se passava com a vizinha Espanha, sempre conheceu uma difícil conciliação entre as exigências do fervor e da clausura e um forte apelo do século. Por isso, a compreensão da vida conventual feminina, bem como da literatura aí produzida, torna-se fundamental para a reconstituição desta interacção e do pano de fundo mental, cultural e religioso, em que se movimentou a sociedade do Antigo Regime.

Foi Soror Tomásia Caetana de Santa Maria religiosa professa de Santo Agostinho, no Convento de Santa Cruz de Vila-Viçosa, onde fez profissão solene a 15 de Outubro de 1732. Nasceu em Lisboa, a 7 de Março de 1719, filha de Manuel de Mira Valadão e de D. Josefa Maria. Não constituindo esta poetisa um exemplo directo da produção conventual inserida no ambiente de corte, o seu estudo justifica-se contudo plenamente, no âmbito deste Colóquio, não só porque a generalidade da sua produção se dirige a entidades da corte, sobretudo a membros da Família Real, como também porque Vila-Viçosa, apesar de distante da corte, manteve com esta relações algo privilegiadas, pelo facto da Família de Vila-Viçosa se ter transformado, com D. João IV, na Família Real. Acrescente-se ainda que a obra de Soror Tomásia Caetana constitui um dos últimos legados impressos da produção poética conventual feminina do século XVIII. Para além disso, a sua obra surge-nos, efectivamente, de algum modo particularizada, no contexto da produção literária da altura, e o seu estudo impõe-se, não tanto pela qualidade literária, mas sobretudo por esta obra constituir, de alguma maneira, um marco, numa realidade poética específica, que parece esvaír-se com o avançar do século.

O inventário das obras poéticas desta autora não ultrapassa as 23 composições conhecidas, recolhidas, na sua maior parte, nas miscelâneas impressas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e nos ficheiros da Real Mesa Censória do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, embora existam também algumas na Biblioteca Nacional de Lisboa e na Biblioteca da Ajuda. A ocorrência de mais do que um original para a mesma composição impressa sugere, de algum modo, uma relativa difusão desta autora, na sociedade da altura.

Neste trabalho, o estudo e a reflexão em torno da obra poética de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria e dos meios usados na sua difusão serão pontos de partida para o entendimento da prática e da circulação de certa literatura produzida no âmbito dos conventos e mosteiros femininos, à luz das relações culturais que ligavam o convento à corte. Tomar-se-ão como directrizes desta linha de acção, primeiramente, o estudo dos elementos paratextuais da obra de Soror Tomásia Caetana e, seguidamente, a análise dos conteúdos e formas de que se reveste a sua produção literária, para assim tentar situar a autora, ainda que de forma necessariamente incompleta, dados os limites de um trabalho como este, no contexto da tradição poética conventual feminina impressa dos séculos XVII e XVIII.

Ao publicar um dos seus mais recentes trabalhos dedicado à paratextualidade, como área de extenso aproveitamento dentro da transtextualidade, Gérard Genette apresenta um precioso contributo e um fundamental instrumento de trabalho para todo aquele que lida com o fenómeno cultural através do livro. Referimo-nos, claro, a *Seuils*, editado pela Seuils, em 1987.

De facto, a atenção às práticas de discurso concentradas em torno de um texto pode torná-las plenamente significativas, sobretudo pelo que elas podem revelar, como indicadores que são de uma certa pragmática de acção sobre o público, em determinada época. Está ainda por fazer — pelo menos para o contexto português — um estudo das implicações sócio-culturais de todo o aparato editorial da Idade Moderna. O estudioso desta época sabe, no entanto, que a ordenação dos elementos identificadores de uma obra e que de algum modo determinavam a sua recepção, obedecia, normalmente, aos seguintes critérios: título (que, no caso da literatura de circunstância, continha referências a assuntos ou entidades, por si sós justificadores do interesse e da adesão pública); ocasião da publicação; autor; descrição do autor (cargo, estado ou filiação); nome de quem dava à estampa e sua descrição; editor; local e data de edição. Estes elementos, graficamente dispostos num jogo de esbatidos e carregados, maiúsculas e minúsculas, construíam um dispositivo de rápida apreensão, que facilmente orientava os leitores para os elementos que os deveriam interessar.

A apresentação impressa das obras de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria não constitui novidade, relativamente a este ritual de impressão acima descrito, inserindo-se numa linha de continuidade, relativamente às obras de autores seus contemporâneos e, sobretudo, em relação à difusão impressa de obras de autoras religiosas. Mas há, na apresentação a público da obra desta religiosa, regularidades significativas que convém destacar e sobre as quais nos iremos deter.

Se o paratexto, «sob todas as suas formas, é um discurso fundamentalmente heterónimo, auxiliar, votado ao serviço de outra coisa que constitui a sua razão de ser e que é o texto»², é lícito pensar-se que a funcionalidade deste paratexto se pode estender também do texto ao contexto, permitindo entrever, no significativo mas também algo constringido funcionamento dos elementos apresentadores do texto, alguma coisa do jogo de forças que se esconde por detrás de uma aparentemente simples edição de textos. No nosso caso concreto, a atenção ao paratexto envolvente das obras de Soror Tomásia Caetana permitirá levantar o véu das relações existentes entre uma certa literatura conventual de produção feminina e a sua difusão no ambiente social da corte, contribuindo assim, ainda que de modo isolado e fragmentário, para um seu balanço.

Estas informações em torno do texto de Soror Tomásia Caetana apresentam, como se disse, aspectos recorrentes. E um dos aspectos que mais ressaltam, nesse índice de recorrências, é o facto de ser «seu Pai, Manoel de Mira Valadão, cirurgião reconhecido nesta Corte», como é referido nas folhas de rosto das obras desta autora, quem, invariavelmente, apresenta o pedido de impressão no cartório da Real Mesa Censória e custeia as edições. Parece, de facto, ser esta figura com algum renome na corte, Manoel de Mira Valadão, quem se torna em grande parte responsável pelo conhecimento e recepção da obra desta religiosa.

Entre os conventos femininos e a corte circulou, sobretudo entre os séculos XVI e XVIII, muita informação, correspondência³ e literatura. Mas, se nas crónicas conventuais, nas biografias de religiosas, nos prólogos ao leitor ou nos títulos de algumas composições esparsas, nos chegam, muitas vezes, informações sobre a requisição que a sociedade fazia da produção de determinada religiosa ou sobre o interesse que punha na sua publicação, nada se conhece, nesse sentido, relativamente à obra de Soror Tomásia Caetana. Parece, no entanto, indiscutível que o aparato editorial que envolve a publicação das obras desta autora ostenta um símbolo de qualidade através da sua filiação, o que de algum modo deveria funcionar como um salvo conduto para a sua difusão na corte. Para a maior parte das composições conhecidas, todo o paratexto parece voltado para a

² Gérard Genette — *Seuils*, Paris, Seuils, 1987, p. 16.

³ Apenas a título ilustrativo deste tipo de intercâmbios, veja-se, por exemplo, a *Carta de Soror Maria da Cruz a pedir novidades acerca da dor de garganta do Duque de Cadaval*, datada de 31 de Agosto de 1668: «(...) a penna con que pasei hontem por não ter horдем de mandar saber de V. Ex.^a por cuya saude se fasem neste conuento as deuidas deprecaçoens nosso Snôr as oiça e conseda a V. Ex.^a...» (in PORT. 24 [Papeis varios], fl. 158 do Fundo Português da Biblioteca Nacional de Paris). Ou a *Carta de João IV a Madre Micaela Margarida de Santa Anna*, datada de 3 de Novembro de 1656, onde pede as suas orações e agradece as orações, aquando da sua doença (in PORT. 34 [Papeis de la D. Luiza], fl.94 do mesmo fundo da Biblioteca Nacional de Paris).

obtenção da permissão de circular, patente nas sucessivas dedicatórias e oferecimentos das suas obras, que Tomásia Caetana dirige a várias personalidades insignes, de influência civil ou eclesiástica, como Rodrigo de Oliveira Braga, Familiar do Santo Ofício, D. Maria Prospera de Menezes ou a Serenissima Senhora Princesa de Portugal e Brasis e para a ostentação desse símbolo de qualidade que era a sua ascendência honrada e reconhecida na sociedade de corte (símbolo esse que, no caso de publicações de outros autores, consistia na referência a ascendências nobres, por exemplo), bem como, diga-se, o estado de religiosa da autora.

Normalmente, eram os méritos literários que, juntamente com os méritos de santidade (autêntica ou fingida), prevaleciam, na requisição e recepção que a corte fazia da produção literária das religiosas. Esse critério está bem patente nos preliminares de certas obras e no teor das considerações tecidas, por exemplo, nas licenças da Mesa e do Paço que as acompanhavam. As vozes da clausura usufruíam de larga consideração, apesar de, muitas vezes, nos enunciados produzidos por religiosas, não haver, pelo menos de forma visível, marcas de uma enunciação conventual⁴. Parece-nos, no entanto, que, no caso de Soror Tomásia Caetana, existia uma vontade expressa de produzir para a corte, alimentada ou não por seu Pai, e independentemente de uma prévia solicitação, da qual, como já se disse, não temos testemunhos⁵. Julgamos ser este um proce-

⁴ É errado pensar-se que os conventos femininos, como locais de criação literária, restringiam as suas produções às áreas temáticas religiosas (devocionais ou místicas). A experiência confirma que tal produção sempre oscilou entre o filão profano e uma vertente religiosa, sendo até às vezes difícil discernir as influências da poesia profana sobre a religiosa e vice-versa. De qualquer modo, mesmo apesar desta bifurcação a nível da tipologia poética conventual feminina, sempre a produção devota ressaltou sobremaneira nas iniciativas editoriais do século XVII e primeiros anos do século XVIII. Aliás, é sobretudo nos testemunhos manuscritos que nos apercebemos da vitalidade desse filão profano de inspiração secular, o que, de certo modo, reforça a ideia já desenvolvida com Roger Chartier de que «não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de uma escrita, qualquer que ela seja, que não dependa das formas através das quais ela chega ao seu leitor.» Esta circunscrição do profano ao manuscrito poderá de algum modo indiciar o que a sociedade destes séculos esperava da produção poética de uma religiosa.

⁵ Há, no entanto, uma dedicatória de Soror Tomásia Caetana a D. Maria Próspera de Menezes, na composição *Sentidas Expressões de hum peito magoado na morte do Eminentissimo Senhor D. Thomaz de Almeyda Cardeal Patriarcha primeiro de Lisboa*, Lisboa, na Officina de Bernardo António de Oliveira, 1764, onde a religiosa apela para a frequente leitura que D. Maria Próspera de Menezes fazia das suas obras, no sentido de lhe solicitar protecção para a publicação do poema em questão: «Lembrada da grande mercê, e honra, que devo ao generoso animo de V.S., sendo taõ benigna em dar attenção ás minhas toscas prendas, procurando-as por gosto, ou divertimento; quero agora, se naõ agradecida, devedora buscar o seu illustre amparo, para que sirva de asylo a estas rasteiras demonstraçoẽs da minha magoa:». Conhecemos, deste modo, o apreço de que a autora usufruia, junto de D. Maria de Menezes. Mantém-se, no entanto, a ignorância de qualquer solicitação do exercicio poético de Soror Tomásia Caetana, por parte desta Senhora.

dimento pouco comum às dimensões assumidas por este tipo de literatura, no contexto da tradição da poesia conventual feminina impressa. À escala das produções que apenas conheceram uma difusão manuscrita, conhecem-se evidentemente algumas manifestações desta necessidade de extravasar os limites de uma difusão meramente conventual. Todavia, à escala das produções que atingiram uma difusão impressa, os exemplos confirmam, geralmente, a publicação por iniciativa de um confessor, de um religioso amigo e entendido ou da comunidade de religiosas na qual determinada autora vivia. É o caso, por exemplo, de Soror Violante do Céu e, já no século XVIII, de Soror Maria do Céu e de Soror Madalena da Glória. Ressalvam-se, claro, os casos em que a grande fama literária de uma religiosa justifica, a partir de certa altura, a sua participação em preliminares de obras de outros autores e em outros tipos de iniciativas editoriais. E também o caso das publicações celebrativas, em torno da recondução de certa religiosa ao cargo de abadessa, escritã, etc., que congregavam algumas composições de religiosas⁶ desconhecidas ou que, pelo menos hoje, se desconhece quem foram.

A obra de Soror Tomásia Caetana, não só pela temática versada e pela qualidade formal, como por outros elementos do paratexto com que se apresenta e que analisaremos de seguida, não parece pertencer a esse panorama. De facto, a generalidade das composições religiosas femininas que conheceram uma difusão impressa teve, por detrás da iniciativa editorial que lhes deu corpo, uma vontade alheia, as mais das vezes, às próprias autoras. Por isso, é raro encontrarmos, no seu paratexto editorial, as dedicatórias e oferecimentos que encontramos nalgumas edições das obras de Soror Tomásia Caetana. Se a grande maioria das suas composições é dedicada a N.ª S.ª da Conceição ou do Rosário, as *Saudosas Expressões de hum reverente e obsequioso affecto na sensível morte do Desembargador Luís Borges de Carvalho* e as *Sentidas Expressões de hum peito magoado na morte do Eminentissimo Senhor D. Thomaz de Almeyda Cardeal Patriarcha primeiro de Lisboa*, dedicadas, respectivamente, a Rodrigo de Oliveira Braga Familiar do Santo Officio e a D. Maria Próspera de Menezes apresentam a antecede-los dois textos de considerável importância,

⁶ No *Parnaso Festivo Em Aplauso da Eleição da Preclarissima Senhora D. Maria Isabel Gorgel do Amaral, na Dignidade e Cargo de Abadessa do Real Mosteiro de Santa Maria de Almozer*, Lisboa, Na Officina Joaquiniana da Música, Anno de M.DCC.XXXII, aparecem composições de D. Helena Josefa Caetana. Também na obra *Em Aplauso da Illustrissima Senhora D. Antonia Margarida Branco de Santa Clara, sendo eleita Abadessa do Mosteiro de Santa Anna*, folha avulsa, s.d. e sem editor, aparecem composições de D. Leonor Theresa Henriques. Seriam, na realidade, religiosas estas «amantes» ou «humildes súbditas» dessas Abadessas, como assim se assinam?

pela inovação que introduzem no paratexto editorial da poesia religiosa feminina portuguesa.

Na realidade, à excepção da pequenina obra do século XVII que Soror Cecília do Espírito Santo dedica ela mesma ao muito Reverendo Padre Frei Jerónimo de Jesus, Religioso da Ordem da Santíssima Trindade, tanto no século XVII como no século XVIII, o endossar de dedicatórias solícitas era geralmente assumido pelo responsável da publicação e não pela «religiosa autora». Com o avançar do século XVIII e, sobretudo, a partir da substituição do Tribunal do Santo Ofício pela Real Mesa Censória, órgão em certas matérias mais severo e implacável que o seu antecessor, a necessidade de obter o aval dos censores justificou o recurso mais constante à protecção assegurada por certas personalidades bem conceituadas. Por isso proliferam, mesmo no domínio da edição de obras religiosas, a dedicatória e o oferecimento, tão frequentes na produção secular, sobretudo na época clássica. Contudo, e como dizíamos, para a generalidade da produção religiosa conventual feminina, tais textos não tinham as religiosas como dedicadoras. Vejam-se, por exemplo, os grandes paradigmas deste tipo de composição que foram, pelo menos até cerca de 1750, Soror Maria do Céu e Soror Madalena da Glória. A humildade, mesmo no domínio da publicação, tornava-se assim algo que extrapolava do convento para o século ⁷.

No caso da obra de Soror Tomásia Caetana, poder-se-á avançar que o assumir da dedicatória pela própria autora parece apontar para um progressivo esvanecimento dos rituais de edição de obras oriundas dos conventos e para uma pelo menos aparente autonomização dessa produção, aproximando-se, nesse aspecto, dos procedimentos da literatura secular. Constituindo a lisonja ao dedicatário um topos indissociável da função semântica e pragmática das dedicatórias, note-se, todavia, que o oferecimento da obra de Soror Cecília do Espírito Santo a Frei Jerónimo de

⁷ De entre a vastíssima produção literária de Soror Maria do Céu, uma larga franja dirige-se a algumas entidades de corte, com quem trocou assídua correspondência. Todavia, o endossar das dedicatórias nas suas produções impressas, mesmo quando dirigido a personalidades oriundas da nobreza, não é da responsabilidade da Madre. Veja-se, por exemplo, o *Rosário dos Atributos Divinos conforme os nomes que se dão a Deus na Sagrada Escritura*, Lisboa, Off. Joaquiniana da Música, dedicado «á Illustrissima, e Excelentissima Senhora D. Leonor de Noronha IV Condessa de Val-de-Reys Senhora da Povoia, e de Meadas por Bernardo Frz. Gayo», onde ocorre a seguinte dedicatória:

«Illustrissima, e Excelentissima Senhora

Este pequeno volume, q. tem taõ dilatado, como infinito assunto, para sahir a luz publica na forma do costume procura proteçaõ (...).

Aos pés de V. Excellencia

Bernardo Frz. Gayo»

Jesus⁸ se processa em moldes mais religiosos do que em Soror Tomásia Caetana, talvez porque a sua obra se inscreve numa dimensão religiosa que as obras que Soror Tomásia Caetana faz anteceder de tais dedicatórias não partilham. Assim, o discurso utilizado por esta religiosa perfilha marcas de uma enunciação secular, como se vê no seguinte extracto da sua dedicatória a Rodrigo de Oliveira Braga: « Seria o meu atrevimento de Icaro o precipício, se quizesse que os abatidos rasgos da minha penna voassem em as ligeiras azas da fama, sem ter certa a protecção de hum animoso Mecenas, que alentos lhe comunicasse».

As Expressões de hum devoto arrependimento á imagem de Christo Crucificado, uma das suas composições iniciais, é curiosamente uma das poucas que não apresenta, na folha de rosto, a referência ao cirurgião da corte. Será sempre de natureza especulativa qualquer avanço, relativamente à omissão da figura de Manoel de Mira Valadão, no paratexto desta obra. Mas é possível constatar que se trata de um texto onde Soror Tomásia Caetana parece arrepender-se das suas produções de carácter profano e propõe emendar-se dessa forma desvirtuada de Esposa de Cristo, substituindo os louvores do mundo pelos louvores a Deus:

«Lograr do mudo os louvores
a vontade só queria,
a sementidos objectos
consagrando idolatrias.

⁸ *Colloquios com Christo Crucificado de hum peccador arrependido*, compostos pela Madre Soror Cecilia do Espirito Santo, Religiosa de S. Francisco, professa em o Convento das Chagas de Villa-Viçosa, Lisboa, na Officina de Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio, Anno 1688.

Desta obra, saliente-se o seguinte excerto da referida dedicatória: «(...) & pois Vossa Paternidade buscou com tanta ancia a Christo na Religião, busca hoje Christo a Vossa Paternidade, para amparar as finesas, que nestes Colloquios se referem. He certo, que todos os que escrevem, buscão em os sujeitos grandes, sombra que amparem as obras que compoz o seu engenho; eu busco em Vossa Paternidade Sol, que dê lustre a estes desvelos, que empredeo a minha devoção. E posto que a obra he piquena na quantidade, he na qualidade grande, porque comprehende sentimentos de hũa Alma á vista das penas de seu Creator, & contém arrependimentos de culpas, lavadas já em o Sangue de Christo; & como conheço em Vossa Paternidade sua muita piedade, & devoção, esta me moveo a buscar nella, arrimo a esta piedosa obra, para que com seu favor tenha lusimentos, quando por minha perca a estimação. Receba Vossa Paternidade estes colloquios, que lhe dedica o meu affecto, para que o seu patrocínio lhe dê azas com que voe felizmente pelo mundo; & assim ficará Christo mais venerado, a devoção de Vossa Paternidade mais applaudida, & meu agradecimento mais conhecido. Deos guarde a pessoa de Vossa Paternidade, para lhe fazer muitos serviços.

Oradora de Vossa Paternidade

Soror Cecilia do Espirito Santo».

(...) Só cuidava em publicar
palavras tão desabridas,
que nas vozes, que explicava,
mil offensas repetia.

(...) Pay amante, Esposo amado,
sempre perversa vivia,
na clausura, Esposa ingrata,
no mundo, tyranna filha.

(...) Agora para escrever
farei do meu sangue tinta;
porque dentro no meu peito
tenha penna, e escrivantina.»

Curioso é notar como o conteúdo e propósitos desta composição, datada de 1743, serão anulados por toda uma profusa produção posterior de carácter profano, que vai até 1767, profundamente laudatória e claramente ao serviço do poder instituído. Perante tal facto e face à recorrente figura do Pai como responsável da publicação das obras de Soror Tomásia Caetana, é possível pensar-se que será Mira Valadão o grande impulsor quer da actividade poética da filha, quer da sua difusão. É até de aventar a hipótese de que seria ele a indicar-lhe alguns dos eventos sobre os quais deveria escrever. Nesse sentido, ficam-nos dúvidas, relativamente aos propósitos de publicação das obras. Tratar-se-ia de um Pai que, orgulhoso da sua filha religiosa, difunde as suas produções, ou — hipótese mais provável — de um Pai que, aproveitando a inclinação para a poesia da sua filha religiosa e a consideração que as produções de autoria conventual gozavam junto da sociedade da altura, lança mão deste recurso para dourar a sua própria imagem e obter, deste modo, para si próprio maior prestígio na corte? Em qualquer dos casos, parece provável um certo aproveitamento da origem conventual destas composições e do impacto que normalmente tinham na corte, para a construção de uma certa imagem, junto da sociedade da altura. É de notar também que, acreditarmos na informação contida nesta composição — o que de certo modo obriga à constatação de que, no contexto deste tipo de produção o discurso literário assume necessariamente uma forma de comportamento especial, que o liberta grandemente das suas referências internas — Soror Tomásia Caetana terá produzido bastante antes de 1743, mas só conseguimos seguir-lhe o rasto poético até 1739 e unicamente através de uma só composição.

As referências elogiosas feitas à autora, que nos chegam nas Licenças da Mesa, do Paço e do Ordinário, parecem apontar para uma pelo

menos razoável consideração desta autora, nos meios de corte: «Canta como Cisne soberano, quando morre para o mundo», diz Rodrigo de Oliveira Braga, Familiar do Santo Offício. Também Frei Xavier dos Santos da Fonseca, na licença do Ordinário, que acompanha a composição *Dezafogo da Pena mais sentida, dedicado á Virgem Santissima da Conceição da mesma Villa*, Lisboa, Na Officina de Pedro Ferreira Impressor da Rainha, 1759, afirma: «Se hum Soneto feito com perfeição importa tanto, como hum grande Poema feito com arte, (...) não perderà a Madre Thomasia Caetana de Santa Maria por esta obra o justo conceito, porque se tem feito Credora por outros escritos a ser comprehendida entre o numero das pessoas eruditas do seu sexo.»

É necessário todavia pesar, nestas informações, aquilo que é tributo pago à escola do elogio mútuo e aos lugares comuns dos rituais editoriais da altura, sobretudo quando se constata que a prática poética de Soror Tomásia Caetana se desenvolve e se apresenta em moldes que parecem sugerir uma existência nos limites de uma certa mediania. De facto, parece significativo que os sonetos que ocorrem, no final de grande parte das suas composições em louvor da autora, sejam, na sua maioria, anónimos ou então de autorias que não resistiram ao avanço da história. Veja-se, por exemplo, o caso de António Corrêa Vianna, que Inocêncio Francisco da Silva⁹ qualifica de «versejador medíocre, que (...) hoje se acha totalmente ignorado, e confundido na turba immensa dos que por aquelle tempo publicaram composições avulsas de prosa e verso, em circumstancias de regozijos e tristezas publicas, de que se formaram numerosas collecções, que ainda alguns curiosos conservam», ou Caetano Francisco Xavier de Zuniga, que desconhecemos quem era. E é de toda a pertinência, para o estabelecimento da correcta ou mais aproximada compreensão da dimensão da obra de Soror Tomásia Caetana, levar em conta que, nas suas composições, glosa sonetos de autores que não chegaram a passar à história. Veja-se o soneto de Francisco da Cruz Pereira da Silva, e Campos, que também desconhecemos quem seja, por

⁹ *Dicionário Bibliográfico Português. Estudos de Inocêncio Francisco da Silva. Aplicáveis a Portugal e ao Brasil*, 20 tomos, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1858, p. 116.

Apesar de tudo, será conveniente não esquecer que a apreciação de Inocêncio F. Silva se encontra desfasada, relativamente ao tempo de A. Correia Viana. Efectivamente, se, do ponto de vista poético, as suas composições não encontram, posteriormente, ecos na sensibilidade pública, não descuremos o facto de que essas produções se inseriam plenamente no gosto literário da época, que não só as recebia com agrado, como as incentivava. Diga-se ainda, em abono deste autor, que é à sua sensibilidade literária e ao seu zelo que se deve grande parte das miscelâneas e recolhas poéticas de alguns dos talentos mais representativos do seu tempo, que só assim puderam chegar até nós. Vejam-se as inúmeras colectâneas da sua autoria, existentes, por exemplo, na Biblioteca do Palácio da Ajuda.

ela glosado na composição *Ultimas Expressoens de Portugal, na sentidissima morte da Augustissima Rainha a Senhora D. Marianna de Austria*.

Relativamente ao conteúdo das composições de Soror Tomásia Caetana, não é de estranhar, como já se disse, que uma larga parcela da sua obra se inscreva no filão da literatura de circunstância, as mais das vezes laudatória. Por toda a Europa e particularmente em Portugal, prolifera este tipo de discurso, que se estende aos mais diversos sub-géneros literários. Mas, se na generalidade dos poetas do mundo, esta poesia de dívida e de circunstância não suscita qualquer estranheza, pois, quer do ponto de vista da produção, quer do da recepção, os critérios de gosto se cruzam com estratégias de poder(es), a produção literária conventual, escapando muitas vezes a estes envolvimento, pela inerência da sua vocação devocional e intimista, não deixa por isso de ceder às estratégias da relação, não existindo muitas vezes, entre ela e a literatura secular, pontos de clivagem suficientemente marcados. Aliás, à excepção do romance *Expressoens de hum devoto arrependimento á imagem de Christo Crucificado*, todas as suas composições cultivam o soneto e a décima glosados, em tudo conformes à tradição secular de certames e poesia celebrativa, tão ao gosto da época. O próprio facto de glosar composições de corte, sem lhes conceder qualquer dimensão religiosa ou moral, sugere uma cedência às estratégias e códigos poéticos dessa mesma corte.

Se, desde finais do século XVI, se sente, na poesia religiosa feminina, um percurso poético onde é notória uma preocupação devocional e catequética, não é também menos verdade que, em muitos momentos, com o avançar do século XVII, o render de homenagens e a poesia de circunstância ressaltam sobremaneira no conjunto desta produção, que atinge expoentes máximos no século XVIII. É que os objectivos doutrinários de expansão e confirmação da fé não poderiam fechar-se aos códigos estéticos e poéticos da corte, onde muitas religiosas haviam formado ou formavam a sua sensibilidade artística¹⁰. Para além disso, a necessidade de sobrevivência dos conventos e a dependência de muitos deles da Casa Real — como é o caso do Real Convento de Vila Viçosa, onde Soror Tomásia Caetana professou — determinaram fortemente este tipo de vínculos. Nalguns casos, a assídua frequência dos conventos femininos por membros da Família Real chegou mesmo a suscitar legislações reais, relativamente ao comportamento do séquito da rainha, quando esta perma-

¹⁰ A alucinante quantidade de textos enviados a religiosas pelos poetas do século, particularmente da corte, exemplifica alguns dos meios pelos quais se processou essa formação literária.

ncia por uns tempos no convento ¹¹. Toda esta comunicação pessoal alargava-se, também, a uma comunicação literária, de que, por exemplo, já em pleno século XVIII, as cartas de Soror Maria do Céu à Duquesa de Medinacelli são o testemunho.

No percurso da literatura conventual feminina portuguesa, parecem, assim, desenhar-se uma linha de evolução, que, na segunda metade do século XVIII, inicia um movimento de aparente recessão. Aliás, se os séculos XVI e XVII, tão parcos nas suas iniciativas editoriais, deram à estampa obras de religiosas de cariz fortemente devocional e piedoso — basta pensar-se no *Parnaso Lusitano* de Soror Violante do Céu ou numa Bernarda Ferreira de Lacerda, que, mesmo não sendo religiosa, viu publicada a sua obra de cariz francamente devoto — a escassez de publicações desta natureza, nas religiosas de um século XVIII mais tardio, permitirá avançar algumas conclusões ¹², sobretudo se levarmos em consideração que a sociedade do século XVIII desenvolveu uma política inflacionária de publicações, que deixou chegar até nós mesmo as composições mais medíocres, enquanto a centúria anterior possivelmente terá deixado perder muita da sua mais característica produção literária conventual feminina ¹³.

¹¹ As «Réponses à diverses questions sur le droit que peuvent avoir la reine et d'autres personnages de pénétrer dans un couvent de femmes cloîtrées. En latin.», manuscrito existente no Fundo Português da Biblioteca Nacional de Paris, com a cota 28-151.º, fl. 240-243v, atesta a dependência de alguns conventos femininos da Casa Real. A este propósito, cite-se ainda o manuscrito existente no mesmo fundo da Biblioteca Nacional de Paris, com a cota PORT. 32, fl. 296 (cópia), onde se afirma o seguinte:

«S. Mag.de q. Ds g.de foi servido rezolver que quando a Rainha nossa Snr.ª for aos Conventos de Freyras não entrem com Sua Mg.de na clauzura mais que as pessoas seguintes.

Os Officiaes da sua Caza e o Capitaõ da Guarda; os quaes dentro da clauzura estarão na prezença de S. Mg.de, ou em algu'a parte publica do Convento vizinha do lugar em que s. Mag.de assistir, sem que se separe, nem andem pello Convento.

Que os Fidalgos que acompanharem a V. Mg.de haõ de entrar, e sahir nos Conventos em acto continuado de acompanharem'eto, sem que entrem prº que sua Mag.de; nem despois de haver entrado sua Mag.de....».

As relações entre a Corte e os Conventos femininos aparecem, deste modo, bem definidas, quanto à sua frequência e assiduidade.

¹² Esse movimento de recessão não significa que, esporadicamente, não se registem composições impressas de religiosas, versando temas de devoção. As *Cantigas devotas, em obsequio do nascimento do glorioso precursor S. João Baptista, Escrita para mayor gloria do mesmo Santo Por huma Religiosa sua minima serva, e grande devota*, Lisboa, Officina da Viuva de Ignacio Nogueira Xisto, 1767, confirmam a existência dessas vozes dispersas. Mas esta necessidade de escrever para maior glória ou aumento da devoção de um santo não poderá significar também, de alguma maneira, o decréscimo de um movimento, anteriormente tão generalizado?

¹³ Veja-se, por exemplo, o caso de D. Antónia de S. Caetano ou de Antónia da Trindade ou, sobretudo, o caso de Dona Brites de Sousa, religiosa do Real Mosteiro Cisterciense de Celas, que compôs um livro da Paixão, que Frei Luís de Sousa levou do Cartório do Mosteiro, para mandar imprimir, sem sucesso, e que entretanto se perdeu. A recuperação de toda esta poesia e o seu estudo é objecto da nossa dissertação de Doutoramento.

O desaparecimento de Soror Maria do Céu e de Soror Madalena da Glória — ambas religiosas franciscanas do mesmo Convento de Nossa Senhora da Esperança de Lisboa e ambas nascidas ainda durante o século XVII e por esse facto herdeiras mais directas da forte espiritualidade que então se vivia - parece ter dado lugar a um temporário esmorecimento da tradição devocional e piedosa, no âmbito da literatura produzida nos conventos femininos. O testemunho que hoje nos chega da obra de Soror Tomásia Caetana poderá indicar esse caminho de dissolução, relativamente ao apogeu devocional da centúria anterior, apesar de algumas produções de Tomásia Caetana retomarem um filão religioso. Mas a generalidade da sua obra indica uma clara preferência pelos temas e conteúdos do século, constituindo a sua produção uma certa redução da prática poética religiosa a um exercício métrico. Aliás, o exagero dos atributos com que se dirigia às entidades da corte a quem queria render homenagem ter-lhe-á até provavelmente valido a supressão de, pelo menos, uma das suas composições, intitulada *Armonias do affecto e clauzulas da obrigação expressadas na gloria dos felicissimos, Annos de Ser.mo Snor Dom Jozê Principe da Beyra cumprindo outo em o dia 21 de Agosto do corrente anno de 1769*, que seu Pai entregara no Cartório da Real Mesa Censória e que não obteve o aval dos censores. Infelizmente, perdeu-se a censura que foi feita a esta obra, sabendo-se apenas que foi suprimida a 7 de Agosto de 1769. Mas o conhecimento do teor de outras censuras permite-nos avançar a hipótese de que terá sido o grande encarecimento feito à pessoa do Príncipe da Beira, utilizando encómios mais próprios da grandeza de Deus do que de um homem, que justificou a interdição. Citem-se, por exemplo, os versos seguintes: «Já nasceu, já se vio, ja resplendece/ este regio Planeta matutino,/ taõ brilhante que bem se não conhece/ o seu grande esplendor, por peregrino:» ou «Ilustrai, pois sois Sol, com claridade,/ iluminai o mundo com grandeza;» ou ainda «Por decreto de Deos omnipotente/ nos concedeu o Ceo esta Luz pura,/ nascendo como Estrela a mais luzente, enchendo ao Reyno todo de ventura».

Nalguns momentos do render de homenagem pública, em que a poesia de circunstância ressalta sobremaneira dos objectivos inerentes à produção poética desta autora, é curioso verificar uma espécie de contaminação discursiva, pela qual as marcas de um discurso de natureza mística se plasmam em referências ao amor profano e assim se adaptam às exigências do século. Os sonetos que escreveu à *Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Ignez Josefa de Mello, Filha dos Illustrissimos e Excellentissimos Senhores D. Francisco de Mello; e D. Isabel Josefa Breiner e Menezes Sendo despozada com seu Primo o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde das Galveas, Na chegada que fez da Corte de Lisboa à de Villa-viçozza*, folha avulsa, s.l. e s.d. exemplificam parti-

cularmente esta contaminação, pois, nalguns segmentos, o vocabulário utilizado e os conteúdos expressos poderiam gerar, se tomados isoladamente do contexto do restante soneto, uma ambiguidade de leitura, que permitiria simultaneamente a remissão para o estado de casada ou para o de religiosa:

«Lograi pois com ventura duplicada
Os extremos do amor, e da fineza
Com que sempre sereis do Espozo amada.»

Não estamos longe da linguagem utilizada pela autora, num seu romance religioso, intitulado *Expressoens de hum devoto arrependimento á imagem de Christo Crucificado, que se venera no Convento de santa Cruz de Villa Viçosa*; e oferecido á Immaculada, e sempre Virg. S.N. da Conceição da mesma villa, Lisboa, na Officina Alvarense, 1743, onde se dirige a Cristo, em termos semelhantes:

«Quizeste-me por Esposa,
deste-me a mão por insignia
de me querer premiar
com a gloria mais subida.
Recebi-vos, he verdade:
mas ay que a fraqueza minha
converteo o amor em odio,
transformou o affecto em ira.
Faltei-vos á fé de amante,
ultrajei-vos, prenda rica,
quando por vós com excesso
fui para Esposa elegida.»

A mesma contaminação acontece também com a décima em louvor de um Desembargador (obra cuja folha de rosto se perdeu), iniciada por «Quem vai ao Rio, e à Bahia», onde o louvor, em certos momentos, assume expressões de um louvor a Jesus:

«Quizera, Senhor, louvarvos
Quanto confesso devervos,
Mas será escurecervos
Não saber bem exaltarvos;»

Apesar da contaminação cada vez maior da corrente poética do século sobre a produção poética nos conventos femininos, a origem con-

ventual das produções, mais ainda do que o seu conteúdo (que progressivamente se vinha tornando mais profano), parece continuar a obter grande credibilidade, nos circuitos sociais da corte, onde se difundia, a julgar pelos ecos de recepção das obras desta religiosa. O soneto anônimo «em louvor da descreíssima Autora», que ocorre no final da referida composição suprimida, indicia de algum modo esta conclusão: «Mas quando lhe animais tanto a ventura,/ mais lhe estendeis da augusta vida o prazo.// Pois logra em existencias que segura,/ mais que a fé nos dictames do Parnazo,/ a verdade nas vozes da Clauzura.» Ou ainda, num outro soneto de Caetano Francisco Xavier de Zuniga em louvor da mesma religiosa: «Suspenda a Corte seu clamor ardente/ Nos applausos do Principe nascido,/ Que outro som muito mais esclarecido/ Os decanta sonõra, e docemente./(...) Para acclamar o bem, que o Reyno goza,/ Em tudo o que faltar á voz humana/ Suppra a vossa, que sois de Christo Esposa» (in *Jubilos Festivos...*). E se algumas folhas avulsas contendo composições da autora poderão apontar para uma circulação nos limites de uma certa clandestinidade, a difusão das restantes obras, a cargo de Impressoras como a de Pedro Ferreira Impressor da Rainha — que é a que atinge maior frequência, no total das obras impressas de Tomásia Caetana —, aponta para um certo ascendente da sua poesia na corte de então, seja essa supremacia decorrente da sua qualidade de religiosa ou da sua qualidade de filha de Manoel de Myra Valadam.

As folhas avulsas versam temáticas de algum modo laterais à qualidade de religiosa da autora. Leia-se, por exemplo, a composição *em aplauso da Senhora Cecilia Roza de Aguiar, Primeira Dama da Casa de Opera do Bairro Alto ou o Soneto em louvor da Senhora Lucrecia Batini no dia do seu benefício*, folhas avulsas s.l. e s.d., que parecem aproximar-se do tipo de difusão de cordel, tão praticada na época, e apenas assinadas pelas iniciais S.T.C. de S.M., único elemento identificador da autora. Por isso não têm apostado o nome de Manoel de Myra Valadam. E é provável que também por isso tenham circulado em esferas sociais diferentes.

Em Soror Tomásia Caetana, uma grande parte da sua produção literária não parece estabelecer qualquer clivagem com o discurso poético de cariz profano. Se nas composições que apenas conheceram uma circulação manuscrita é visível e até frequente, ao longo dos séculos XVII e XVIII, uma certa desenvoltura das religiosas na poesia de carácter profano, o movimento editorial desses mesmos séculos sempre procurou valorizar preferentemente a produção de natureza religiosa e ou moral, que se pretendia talvez mais condigna com o estado de religiosas de suas autoras. Por isso, o fundo poético de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria oferece certas particularidades, no âmbito dessa produção poética

conventual feminina de difusão impressa. Pelo menos seis das suas composições nada contêm de marcas de uma enunciação conventual, sendo em tudo semelhantes aos discursos laudatórios que a corte sempre produziu, em circunstâncias várias de regozijo e luto. Aliás, nestas mesmas composições da autora, são mais notórias as influências dos códigos poéticos de corte, concretizadas nas referências pagãs a Apolo, Atropos, Lísia, Parcas, que convivem sem constrangimento, com Céu, Deus, Maria, etc. Em muitas composições religiosas da centúria anterior, esta convivência sincrética foi bastante comum, mesmo na generalidade da poesia europeia. Nas Licenças do Santo Ofício, havia até, frequentemente, o cuidado de explicar que essa terminologia pagã constituía mero recurso expressivo, próprio da especificidade do discurso poético e que em nada ofendia ou colocava em causa os preceitos da fé cristã.

Noutras composições dirigidas à Família Real — e para lá dos louvores tecidos — Soror Tomásia Caetana de Santa Maria parece desvendar à corte uma relação, abençoada, entre a coroa portuguesa e os desígnios e promessas de Deus. Deste modo, alguns dos seus poemas aparentam ganhar, consciente ou inconscientemente, uma dimensão política, pela qual se divulga e se faz acreditar a ascendência divina do poder régio. Veja-se, por exemplo, o poema *Júbilos Festivos de Portugal*, onde afirma:

«A palavra de Deos não tem falencia,
E pelo mesmo Deos foy prometido,
Que havia dilatar a descendencia
Dos Reys de Portugal, isto he sabido;
Neste favor Divino, a Providencia
decretou este Principe nascido,
Nelle segura Deos com maõ piedoza
Em Portugal a Coroa Magestoza.
Hum Reyno, que por Deos foy nomeado....»

A oferta que faz de cinco das suas composições a Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, tornada padroeira de Portugal com D. João IV, atesta também a corrente de culto e de devoção à Imaculada Conceição, que se estende, julgamos, à população civil, deste modo expressando o sentimento geral de um povo.

Dentro da área da poesia religiosa de inspiração devota, cuja tradição, como dissemos, nos parece esmorecer, pela segunda metade do século XVIII, Soror Tomásia Caetana publica *Expressoens de hum devoto arrependimento á imagem de Christo Crucificado*, em 1743, e, sobretudo, o *Despertador Quotidiano...*, em 1758, talvez a mais conseguida das suas

obras, em cujo Proémio, muito devoto, se vislumbra a vitalidade da devoção às chagas de Cristo:

«Ouve a Jesus, que se inflama
No Patyblo por teu bem,
E por quantas feridas tem,
Por tantas bocas te chama.
Seu sangue vertido clama,
Prompto o perdam para nós;
Ouve o já menos ferós,
Gosta de Christo a pureza,
Vê de JESUS a fineza
Escuta de Deos a vòs.»

Nesta composição, pede a Deus o alívio dos pecadores, por Ele castigados, segundo a visão da autora, no terramoto de 1755. Trata-se de uma advertência aos homens, relativamente à fragilidade e efemeridade da sua existência, suscitada pela destruição ocasionada pelo terramoto, e que recuperou um tópico simultaneamente seiscentista e cristão:

« De que serve no mundo a vaã riqueza,
se he sombra, vaidade, pó, loucura?
Em que se pode já fazer firmeza,
se nem a terra he firme, nem segura!
Quem apresso fizer de tal grandeza,
Quem por ella ser santo naõ procura,
Saiba que castigo foy forsozo,
E creya que este excesso he dolorozo.»

É sobretudo aqui que se podem vislumbrar ainda vectores de uma tradição interventiva junto da corte, que ressalta, várias vezes, ao longo da história literária conventual feminina.

Se as obras de Soror Tomásia Caetana não registam uma qualidade literária que a façam merecedora do epíteto de «Águia de Portugal, e Décima Musa de Espanha», que fora dado, no século XVII, a Soror Violante do Céu, por D. Leonardo de S. José, o rigor métrico evidenciado não a desmerece, sobretudo no conjunto da invasão poética que teve lugar no século XVIII.

De acordo com o que nos é dado conhecer da obra poética da religiosa Soror Tomásia Caetana de Santa Maria e levando em certa consideração o percurso que, até à sua altura, vinha sendo percorrido pela literatura conventual feminina impressa, parece-nos poder concluir que,

em finais do século XVIII, as referidas «vozes da clausura» continuavam a usufruir de grande peso na corte, mesmo se, nesses enunciados aí produzidos, se diluía uma certa tradição poética devocional, que esmorecia as marcas de uma enunciação conventual. Mantinha-se ainda, na relação de mútuas solicitações que durante alguns séculos ligou os conventos femininos à corte, o crédito dado às composições que saíam desses locais de santidade.

É desta linha em aparente declive, mas em inegável sintonia com as tendências poéticas e as exigências culturais da corte, que a obra de Soror Tomásia Caetana, de algum modo individualizada no contexto das publicações religiosas femininas, parece, efectivamente, paradigmática.

BIBLIOGRAFIA DE SOROR TOMÁSIA CAETANA DE SANTA MARIA

- Expressoens de hum devoto arrependimento á imagem de Christo Crucificado, que se venera no Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa, e offerecido á Immaculada, e sempre Virg. S. N. da Conceição da mesma Villa, Por sua humilde devota Soror Thomasia Caetana de Santa Maria, Religiosa professa no mesmo Convento, e natural da Cidade de Lisboa, Lisboa, na Oficina Alvarense, 1743.*
- Soneto in Obzequo funebre e particular á saudoza memoria do Illustrissimo, e Excelentissimo Senhor D. Francisco Xavier José de Menezes, 4.º Conde de Ericeira, Lisboa, Na Officina de José da Silva da Natividade, 1744.*
- Saudosas Expressoens de hum Reverente, e obsequioso affecto Na sensível morte do Desembargador Luiz Borges de Carvalho Cavalleyro Professo na Ordem de Christo, Desembargador dos Aggravos, juiz dos cavalleiros, Ouvidor da Serenissima Casa de Bragança, deputado da Mesa Prioral do Crato, e Conselheiro do regio Conselho Ultramarino. Servindo todos estes empregos com pontual satisfação, rectidão, e zelo do serviço de sua Magestade, que Deos guarde: Compostas por Soror Thomasia Caetana de Santa Maria, Religiosa professa no Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa, e natural desta cidade de Lisboa. Dadas à luz por seu Pay Manoel de Mira Valladam Cirurgiam approved nesta Corte. Offerecidas ao Senhor Rodrigo de Oliveira Braga, Familiar do Santo Officio, natural da Cidade de Braga, e assistente nesta de Lisboa, Lisboa, Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Rainha N. S., 1753.*
- Sentidas Expressoes de hum peito magoado na morte do Eminentissimo Senhor D. Thomaz de Almeyda Cardeal Patriarcha primeiro de Lisboa Compostas por Soror Thomasia Caetana de Santa Maria, Religiosa professa no Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa, e natural da Cidade de Lisboa. Dedicadas á Senhora Dona Maria Prospera de Menezes. Dadas á luz por seu pai Manoel de Mira Valladam Cirurgiaõ approved nesta Cidade, Lisboa, Na Oficina de Bernardo Antonio de Oliv., 1754.*
- Ultimas Expressões de Portugal na Sentidissima Morte da Augustissima Rainha D. Marianna de Austria Offerecidas á Paixão de Christo S. N. Em hum Soneto glossado pela Madre Soror Thomasia Caetana de Santa Maria Religiosa Professa no Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa, natural desta Cidade. Dado á luz por seu Pay Manoel de Mira Valadao, Cirurgiaõ approved nesta Corte, Lisboa, Na Oficina do Doutor Manoel Alvarez Solano, Anno de 1754.*

- Despertador Quotidiano Que compoz a M.R. Madre Soror Thomasia Caetana de Santa Maria Religiosa no Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa, e natural de Lisboa. Dedicado á Virgem Santissima da Conceiçam da mesma Villa.* Dado à luz por seu Pay Manoel de Mira Valadam Cirurgiaõ approved nesta Corte. Lisboa. Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha nossa Senhora, 1758.
- Dezafogo da pena mais sentida* composto pela M. Soror Thomasia Caetana de Santa Maria Religiosa professa no Convento de Santa Cruz de Villa-viçosa(sic), natural de Lisboa, Dedicado á Virgem Santissima da Conceiçam Da mesma Villa. Dado à luz por seu Pay Manoel de Mira Valadam Cirurgiaõ approved nesta Corte, Lisboa, Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha Nossa Senhora, 1759.
- Jubilos Festivos de Portugal e suas Conquistas. Ao Nascimento do Serenissimo Principe da Beira Dom Jozê Francisco Xavier de Paula Domingos Antonio Agostinho Anastacio Offercidos á Virgem Purissima da Conceiçam de Villa Viçosa, Padroeira do Reyno. Por Soror Thomasia Caetana de Santa Maria, Religiosa no Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa.* Dados á luz por seu Pai Manoel de Mira Valladam Cirurgiam approved nesta Corte, Lisboa, Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Fidelissima Rainha Nossa Senhora, 1761.
- Relaçam á sentidissima, e sempre lembrada morte do Serenissimo Senhor Infante Dom Joam na sua tenra idade. Dedicada á Virgem Purissima da Conceiçaõ de Villa viçosa, Padroeira do reyno...* Dada à luz por Seu Pae Manoel de Mira Valadam, cirurgiaãõ approved nesta Cõrte, Lisboa, na Oficina de Pedro Ferreira, impressor da Fidelissima Rainha Nossa Senhora, 1763.
- Venturas da Lusitana no Fausto Felicissimo Nascimento do Serenissimo Senhor Dom Joam José Maria Francisco Xavier de Paula Luiz Antonio Domingos Rafael Infante de Portugal* Expressadas pela Madre Soror Tomasia Caetana de Santa Maria, Actualmente Escrivan, e Vigaria do Coro do seu Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa. Dedicadas a Nossa Senhora da Conceiçam da mesma Villa. dadas à luz por seu Pai Manoel de Mira Valadam, Cirurgião approved nesta Corte, Lisboa, Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Fidelissima Rainha Nossa Senhora, 1767.
- Armonias do afecto e clauzulas da obrigassãõ expressadas na gloria dos felicissimos, Annos do Ser.mo Snor Dom Jozê Principe da Beyra cumprindo outo em o dia 21 de Agosto do corrente anno de 1769 e oferecidas a Maria Santissima Nossa Senhora com o titulo da Ajuda.* Por Soror Thomazia Caetana de Santa Maria Religioza professa no seu convento de Santa Cruz de Vila Viçosa. Dadas á luz por seu Pay Manoel de Mira Valadaõ Cirurgiaõ approved nesta Corte. Suprimido. Mesa, 7 de Agosto de 1769.
- «*Quem vai ao Rio, e à Bahia...*». Décima glosada, s.l. e s.d..
- Ao Feliz Nascimento do Serenissimo Principe de Portugal.* Soneto. Por Soror Thomasia Caetana de Santa Maria. Folha avulsa, s. l. e s. d..
- Em Aplauso da Senhora Cecilia Roza de Aguiar, Primeira Dama da Caza da Opera do Bairro-Alto.* Soneto. Por S.T. C. de S. M., folha avulsa, s.l. e s. d..
- Sonetos à Ilustrissima, e Excelentissima Senhora D. Ignez Josefa de Mello,, Filha dos Ilustrissimos e Excellentissimos Senhores D. Francisco de Mello, e D. Isabel Josefa Breiner e Menezes Sendo despozada com seu Primo o Ilustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde das Galveas, Na chegada que fez da Corte de Lisboa à de Villa-viçosa(sic) offercidos Pela Madre Soror Thomasia Caetana de Santa Maria, Religiosa professa no Real Convento de S. Cruz de Villa-viçosa,* folha avulsa, s. l. e s. d..
- Soneto Ao Augusto Senhor Conde Reinante de la Lippe,* de Soror Thomasia Caetana de Santa Maria, Religiosa no preclarissimo Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa, folha avulso, s.l. e s.d..

- Soneto ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Antonio Ponce de Leon Duque de Banhos, gentil homem da Camera de Sua Magestade Catholica, Mariscal de Campo de seus Reaes Exercitos, Superintendente General de toda a Extremadura, e Grande de Espanha da primeira classe, folha avulsa, s. l. e s. d.,*
- Soneto em louvor da Senhora Lucrecia Batini no dia do seu beneficio, por T.C.de S.M., iniciais que correspondem a Thomasia Caetana de Santa Maria, folha avulso, s.l. e s.d..*
- Soneto falecimento a Illustrissima e Excellentissima Senhora Condessa das Galveas no seu Real Palacio de Villa-Vicoza(sic) Veyo a sepultar-se no Real Mosteiro das Preclarissimas Religiozas de Santa Cruz da mesma Villa, de que era, Padroeira onde tinha o seu jazigo em cuja Urna lhe pôs por Epitaphio a sua mais amante, e humilde subdita Thomasia Caetana de Santa Maria o seguinte soneto, folha avulsa, s. l. e s. d..*
- Soneto ao Retrato da Serenissima Rainha da Ungria, Maria Tereza de Austria.*
- Relação Nova que a pia devoção dedica à Soberana Imagem da Senhora do Rosário (Glosa de um soneto)...*